

Para uma Igreja Sinodal* 2023



SÍNTESE da reflexão dos grupos Portalegre-Castelo Branco

Diocese de Portalegre-Castelo Branco * Equipa de Contacto: sinodopcb@gmail.com



Introdução

Para alcançar o grande propósito do sínodo dos Bispos de 2023, a diocese participou neste processo sinodal em curso, para o que dele fez a publicidade devida e mobilizou paróquias e grupos que reuniram para o efeito as vezes que entenderam por necessárias para cumprir com o desafio do Papa Francisco.

Partimos da premissa que nós, a Igreja, na sua dimensão sinodal, ao “caminhar em conjunto”, “caminhamos juntos”, caminhamos uns com os outros enquanto Povo de Deus e caminhamos juntos como Povo de Deus com toda a família humana. Procurámos responder a duas questões: Como é que este “caminho em conjunto” está a acontecer hoje na nossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”? Recordámos as nossas próprias experiências e procurámos reler e interpretar estas experiências à luz do Espírito que conduz as Igrejas e em ordem ao nosso compromisso temporal.

Metodologia Seguida

O bispo diocesano nomeou um coordenador para os trabalhos sinodais, com uma equipa de mais dois sacerdotes, foi delineada a estratégia e o calendário, de modo a dar cumprimento aos ditames do *Vade Mecum*. Houve o lançamento em Assembleia ano dia 17 de outubro. Fez-se a preparação dos grupos, que foram trinta, reuniram pelo menos cinco vezes e trataram cinco temas. A síntese foi apresentada publicamente à diocese em 30 de abril.

1. OS COMPANHEIROS NO CAMINHO

Na Igreja e na sociedade, estamos lado a lado na mesma estrada.

Os Companheiros de Viagem, os que “caminham juntos”, são os que rezam juntos em comunidade na Igreja, nos movimentos, em família e têm como propósito comum seguir Jesus.

Os que se encontram à margem são os que se autoexcluem porque não se identificam com a Igreja que conhecem ou porque não a conhecem nem a procuram, e os que não se sentem acolhidos nas igrejas locais.

Procurando dar respostas concretas à questão fundamental de como caminhar juntos, encontramos-as seguindo o exemplo de Jesus, pondo-o em prática, na atenção a todos e a cada um em particular, unindo e não excluindo, valorizando pela escuta e pelo diálogo, discernindo, indo ao encontro da “ovelha perdida”.

Na nossa igreja local, todos são chamados à caminhada conjunta. Desta forma, respondendo ao apelo do Espírito Santo, sacerdotes e/ou leigos, empenham-se no crescimento espiritual individual/comunitário e também procuram participar na construção da Santa Igreja Católica, da qual todos fazem parte desde o batismo, compondo assim o Corpo Místico de Cristo. Neste contexto, salientou-se a importância do peregrinar em grupos.

A Igreja hoje tem um papel relevante em relação a algumas temáticas, tais como a integração de migrantes, o papel homem/mulher, o casamento/divórcio, o casamento de pares ou entre pessoas do mesmo sexo, o celibato dos sacerdotes ou a pedofilia dentro da Igreja, que o Papa designou como premente a averiguação das suspeitas deste crime. No entanto, é cada vez mais importante ter a consciência de que a caminhada deverá ser feita com todos, quer os que se encontram em dificuldades, quer os marginalizados pelo seu *modus vivendi* ou pelo seu passado, enfim, as chamadas as “franjas da sociedade”. Na verdade, ninguém pode ficar para trás, sobretudo os que mais precisam de ajuda. A esses, temos de dar a mão no respeito mútuo, seguindo o exemplo de Jesus que, em resposta aos Fariseus, referiu que “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: quero misericórdia e não sacrifício. Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento” (Mt 9, 11-13). k todos juntos somos um só”, agindo pela ação do Paráclito: testemunhando, evangelizando ou orando.

Muitos desistem de caminhar, uns, porque se sentem acomodados, outros, mal acolhidos e ainda outros, incompreendidos por uma “igreja” pouco inclusiva. Mas também muitos batizados que vivem à margem, se auto excluíram e que criticam de uma forma pejorativa. Os que desistem são os que se sentem marginalizados, impedidos de comungar, batizar os filhos

porque são mães solteiras, pais divorciados, não são casados pela Igreja ou vivem juntos, homossexuais, padres que abandonaram o sacerdócio e que se sentem abandonados.

Principalmente os jovens e outras pessoas que por descuido ou desconhecimento, não alimentam a sua Fé, pela palavra de Deus e pela oração. As razões são as mais variadas: os meios de comunicação Social, que bombardeiam as pessoas. Muitas outras solicitações que consideram mais fáceis e atraentes. O exemplo familiar, o testemunho de quem está à frente da Igreja e dos que a frequentam.

2. ESCUTAR

Escutar é o primeiro passo, mas precisa de uma mente e de um coração abertos.

São condições para a escuta: Aceitação do outro com alegria, o esvaziamento, a humildade, o acolhimento, homilias em discurso atualizado e preparado para a especificidade do rebanho... evangelho para o homem de hoje que trabalha das 9 às 5, vive na cidade, tem relações sociais superficiais, confinado ao apartamento, não é pastor, nem agricultura e vive em república...

A vaidade, a falta de sensibilidade, o discurso desligado da realidade vivida no quotidiano e, por ventura, maldizente e o distanciamento provocado pela rigidez hierárquica dificultam todos os níveis de relação e de escuta...

Escutar é o primeiro passo para compreender a sociedade atual e em particular a nossa comunidade. Neste sentido, consideramos que o “parar” e viver de forma mais calma é facilitador do “saber escutar”. No entanto, tendo em atenção toda a turbulência do mundo, a velocidade e a espetacularidade das informações que nos entram diariamente nos “écrans” dificultam a nossa escuta, a par da pouca disponibilidade que cada um tem para ouvir os outros.

Também o conforto do lugar em que nos encontramos, pode contribuir para a nossa facilidade ou dificuldade de escuta. O distanciamento entre as pessoas, a vida agitada que não nos permite parar e fazer silêncio para ouvir.

Dificultam a escuta: o barulho; dificuldade em perdoar; falta da humildade; não estar atento; a “pressa”, as correrias do dia a dia, a vida agitada das famílias e da sociedade em geral, e a Igreja integrada na sociedade, sofre dos mesmos males. Por outro lado, os muitos afazeres dos Párocos, por vezes, com várias paróquias, e, ainda com tudo muito centralizado na sua pessoa. Com tudo o que o Padre tem para gerir, celebrar, organizar, administrar... não lhe “sobra” tempo para acolher e escutar quem o procura para ser ouvido.

Facilitam a escuta: aprender a ouvir o outro; ir ao encontro do outro; a maneira como nos dispomos com o outro. Facilitam a nossa escuta a abertura, o bom acolhimento e a simpatia do outro que devemos escutar e também a proximidade e a confiança que temos com ele, e o desejo de o escutar. Por outro lado, a nossa escuta é dificultada quando temos preconceitos sobre a pessoa, que, às vezes, até são de vária ordem. Também a nossa pouca humildade, o nosso orgulho, a “mania” de ser mais que os outros... são obstáculos para a escuta atenta dos problemas do outro.

Os leigos, de um modo geral são pouco escutados, mesmo aqueles que fazem parte de algum organismo ou serviço da Igreja. Deviam ser mais escutados, porque as suas experiências de vida poderiam muitas vezes ajudar a Igreja a discernir aquilo que fosse o mais adequado para a sua pastoral. As mulheres e os jovens, ainda, são menos escutados, o que é pena: as mulheres com a sua intuição e os jovens com a sua capacidade criativa poderiam dar muito mais do que dão, se fossem solicitados. A Igreja usa-os, sobretudo as mulheres, porque precisa, mas não os escutam.

Não estamos muito despertados para escutar e ir ao encontro dos “excluídos”. A nossa surdez resulta, não só, de todo o ruído que é gerado na sociedade em que vivemos, mas também do nosso comodismo e bem-estar. Somos ainda um “Igreja de sacristia”, à espera que as pessoas venham até nós em vez de sermos nós a ir ao encontro delas.

Não é fácil falar com coragem, franqueza e responsabilidade na Igreja e na sociedade. Por um lado, sente-se pouco acolhimento para ouvir, pouca abertura às sugestões dos outros. Há sempre pressa e outras prioridades. Por outro lado, dizer o que se pensa, em verdade e responsabilidade pode implicar dizer o que não é “o politicamente correto” e o que o outro não gosta de ouvir. Para não ser “apontado”, acusado de não merecer confiança porque pensa de modo diferente... Então as pessoas vão-se fechando e afastando.

Há poucas oportunidades para dizer o que é importante para nós. Há cada vez menos tempo para dar ao outro, escutando-o. Não se criam laços, não se desenvolve o sentido da fraternidade, da comunhão... nas comunidades. Há cada vez menos confiança mútua. As comunidades continuam a centralizar as decisões, escolhas, comunicações no Pároco. Achamos que facilita a escuta, se formos mais acolhedores, mais fraternos, mais atentos e menos “funcionários” uns com os outros, entre os que já nos sentimos Igreja e participamos nas celebrações litúrgicas, como com os que nos relacionamos por laços familiares, sociais, profissionais ...

As vozes que não escutamos são aquelas que nos impõem normas ou alguma coisa que implique entrega, algum sacrifício ou renúncia de alguma coisa, mesmo quando isso que nos pedem é para nosso maior bem. Não ouvimos as vozes que não sintonizam com os nossos desejos e, muitas vezes, nem sequer ouvimos a voz da nossa consciência quando nos aponta o melhor caminho.

3. FALAR OU TOMAR A PALAVRA

*Somos convidados a falar com coragem e parrésia:
em liberdade, verdade e caridade.*

A facilidade em tomar a palavra vem da convicção e da oração que fortalece a fé que encoraja a falar. Mas é necessário haver quem escute com disponibilidade aquele que fala, o que nem sempre se verifica nas paróquias. Há um sentimento geral de que na Igreja local nem sempre se escuta o leigo, que tende a ter uma atitude passiva de aceitação da palavra do clero.

Nos movimentos há mais facilidade em falar, em dizer o que é importante para cada um, porque há mais acolhimento, respeito e todos pensam de uma forma alinhada pela mesma ideia.

Socialmente, sente-se algum receio na exposição à crítica, em ser julgado.

Para conseguirmos dizer o que é importante para nós, precisamos de parar, escutarmo-nos a nós próprios, e acreditar verdadeiramente naquilo que queremos dizer. É fácil quando temos a coragem de assumir as nossas fraquezas e, muitas vezes, as consequências das nossas palavras. No entanto, o mais cómodo é ficarmos calados e guardar para nós aquilo que poderia interpelar e ajudar outras pessoas. Não devemos ter em conta o “nós”, mas sim a verdade, lutarmos pela verdade, em comunhão com a igreja.

Conseguimos dizer o que é importante para nós quando temos confiança em Deus e conseguimos transmitir essa confiança aos outros. Dizemos o que é importante para nós nas reuniões em que participamos. Ou noutras situações se nos sentimos compreendidos e respeitados.

Quando estamos convencidos que é importante o que dizemos e do outro lado há vontade de escutar e compreender. Contudo devemos dizê-lo com respeito pelos outros e sempre numa atitude discreta. Devemos seguir as normas instituídas pela Igreja.

A relação com os meios de comunicação local é inexistente, havendo a ideia de não se interessarem pelos assuntos relacionados com a Igreja.

As pessoas que falam em nome da comunidade cristã são os bispos, os padres e os leigos responsáveis pelos diversos movimentos.

4. CELEBRAR

Só é possível “caminhar juntos” com a escuta comunitária da Palavra e a celebração da Eucaristia.

A Eucaristia semanal alimenta a fé, aproxima e enche de Deus, promove o diálogo com Ele e a união da comunidade.

O desafio que se coloca hoje é a capacidade de transpor a Palavra para o nosso tempo, com atualidade e leitura da realidade contextualizada e explicada de modo a ser compreendida pela comunidade, promovendo-se assim a aproximação de todos, especialmente dos jovens, cativando-os.

A participação ativa dos fiéis na liturgia promove-se convidando-os a fazer as leituras e a oração dos fiéis, a acolitarem, a cantarem, a fazerem o peditório e conhecendo-os a todos e a cada um na medida do possível.

Verifica-se alguma falta de informação por parte das paróquias sobre os ministérios presentes na vida litúrgica e as respectivas funções, sabendo-se apenas que algumas têm diáconos.

Orar em contexto de celebração litúrgica é formar arquipélagos de ilhas outrora isoladas, facilitando a sensação de pertença e a assunção da figura de Cristo nas diversas corporeidades que conosco oram. Sentimo-nos parte de algo maior do que nós, torna-nos maiores, faz brotar e/ou nutre a fé em Deus e nos nossos irmãos em Cristo.

A oração e as celebrações litúrgicas alimentam a fé dos membros da nossa comunidade, na medida em que cada um vive o momento de oração, não a faz por rotina, mas no desejo de se encontrar com Deus, de falar-Lhe, de entrar na sua intimidade. E participar nas celebrações litúrgicas nas devidas disposições: desejo de estar com Deus, desejo de crescer na fé, de partilhá-la com os irmãos, de sentir que é povo de Deus e desejar fortalecer esse laço... Isto mesmo quando as celebrações não são muito atrativas. Quando, sendo bem preparadas, participamos nelas sentindo-nos comunidade reunida em nome do Senhor, com a presença física dos nossos irmãos na fé, comungamos a mesma Palavra e o mesmo Pão. Assim vamos para a vida mais fortes na fé.

Procuramos manter uma ligação com Deus através da súplica, da ação de graças, do louvor, da adoração, Alegria (Alegria contagiante) ...Tudo pode mudar a partir de mim...

As orações e as celebrações alimentam a fé. É na oração e sobretudo se for em comunidade que se fortalece a nossa fé. É preciso que se esteja muito atento à Palavra de Deus e que o coração de cada um esteja aberto a recebê-la. A propósito, foi referido que, por vezes, na homilia alguns celebrantes falam demasiado baixo e que as pessoas não conseguem ouvir e entender. Apresentaram a sugestão de ajustar o sistema de som da Igreja e que os celebrantes com maior dificuldade em fazer-se ouvir, ajustem o “micro” de modo a minorar a dificuldade manifestada.

A oração e as celebrações litúrgicas em partilha de fé uns com os outros fortalece-nos aproximando-nos mais com os irmãos e dá-nos mais ânimo para enfrentar as dificuldades.

A oração e as celebrações comunitárias, quando resultam numa fé adulta, esclarecida e amadurecida e não de um ato de simples rotina ou de uma “religiosidade piedosa”, comprometem-nos com a vida e com o mundo. Mas é essencial que estes atos litúrgicos nos encham o espírito e que mexam connosco. Para isso é também importante que a Mensagem seja clara, bem proclamada e que vá de encontro aos problemas reais, individuais ou comunitários.

Sim, se as palavras forem enunciadas de modo a possibilitar que se elevem acima do ruído e desçam, iluminadoras, sobre cada membro da comunidade, que as reconhecerá no seu quotidiano adaptando-as à sua própria vida.

A oração e as celebrações comunitárias ajudam a tomar as decisões importantes na vida e missão dos fiéis; a oração é o alimento da nossa fé. A mensagem da Palavra de Deus inspira e deve inspirar o programa de vida de cada um dos fiéis; as boas decisões na vida devem ser tomadas à luz do evangelho.

A oração e as celebrações comunitárias são fundamentais na vida de um cristão. As orações individuais e comunitárias complementam-se, são as duas necessárias e oportunizadas de escuta da vontade do Pai e por isso essenciais no discernimento da vida e missão dos fiéis. A oração comunitária pode mobilizar um grande número de pessoas e fortalecer a unidade das comunidades permitindo integrar até porventura quem possa estar mais afastado ou ser menos assíduo nas comunidades.

A sociedade atual é complexa, preocupada com o imediato e com o seu dia-a-dia, mostrando pouca disponibilidade para as coisas do “Alto”. No entanto, o desafio também passa pela boa ou má exposição da Palavra. As homilias são normalmente muito longas, tornando-se monótonas, repetitivas e pouco envolventes. Há falta de partilha da Palavra. É sempre, salvo muito raras exceções, um monólogo proferido pelo presidente da Assembleia.

Outro dos desafios que se colocam às nossas comunidades será a pouca disponibilidade e a falta de sentido de família cristã. A transitoriedade das relações humanas agudiza-se com as condições da vida moderna que, apesar dos grandes progressos científicos e maior conforto material, impõe uma constante correria que subtrai a meditação ao nosso quotidiano. É por isso importante que os anunciadores e celebrantes da Palavra não se alheiem do mundo para que haja empatia, compreensão no momento de partilha, que é fundamental numa comunidade cristã. Precisamos de momentos de pausa e silêncio nas nossas vidas, que seria bom encontrar durante a celebração Eucarística, para uma verdadeira assimilação dos conteúdos práticos litúrgicos.

Uma outra dificuldade que se coloca à nossa liturgia, é a pouca assiduidade, especialmente, por parte de gente jovem e menos idosa. As nossas liturgias são frequentadas

maioritariamente por gente idosa e já cansada que se contenta com o já estabelecido e adquirido, agarradas ao passado e a muitas tradições que soam Um pouco “ocas”.

Para termos uma Igreja verdadeiramente ministerial, achamos muito importante a presença de ministérios laicais nas nossas comunidades. E na nossa comunidade, para além dos catequistas da infância e adolescência, temos alguns acólitos, pequeno grupo coral e pequeno grupo de leitores, todos eles pessoas de boa vontade, mas sem formação específica para exercer esses ministérios, que consideramos vitais para dar vida, dignidade e vigor ao próprio ato litúrgico.

5. PARTILHAR A RESPONSABILIDADE PELA MISSÃO COMUM

*A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja,
na qual todos os membros são chamados a participar*

Os batizados não são ativos na missão da Igreja não se comprometem nem se disponibilizam por falta de consciência do que são ou do que é ser Igreja, que é conotada com os valores retrógrados, com sacerdotes envelhecidos pouco disponíveis e nem sempre acolhedores. Não é valorizado o lugar da mulher (incapacidade de leitura dos sinais dos tempos).

As áreas de missão descuidadas são a socio-caritativa, a cultural, a social, a comunicação e as redes sociais, a pastoral da saúde e da família, e muito especialmente a catequese de adultos, verificando-se aqui uma enorme lacuna.

Verifica-se o desconhecimento geral sobre o procedimento para as escolhas missionárias e todos os pontos que configuram uma Igreja sinodal participativa e corresponsável, havendo o sentimento de fundo dos fiéis estarem à margem das decisões numa Igreja hierarquicamente muito rígida, pouco apelativa e ainda menos dialogante, muito fechada.

Muitos dos batizados não estão evangelizados, não têm consciência do seu “ser” batizado, do Amor de Deus por nós, nem se sentem comprometidos, como membros duma comunidade. Por vezes, também não são chamados a participar por quem já tem responsabilidades, ou não são acolhidos pelo que não se aproximam.

Comodismo? Ignorância? Falta de divulgação da mensagem? Falta de tempo? Debatemo-nos com estas questões/justificações como os principais entraves ao envolvimento efetivo por parte dos fiéis batizados. Comodismo, falta de fé, falta do sentido de pertença à comunidade, à família cristã – Igreja, Povo de Deus. Falta de formação, falta de diálogo e pouco interesse em procurar ajuda. Se falta aos batizados uma fé firme e operante, falta-lhes também o sentido de pertença à Igreja, porque não foram “educados” para serem membros ativos na Igreja... Disponibilidade e compromisso; descrédito na igreja para muitos batizados; uma

catequese pouco aprofundada e fraco testemunho eclesial dos pais aos filhos; recusa dos pais em educar com valores cristãos os seus filhos; uma vida quotidiana muito absorvente afasta as pessoas da vida eclesial; Igreja ritualista e pouco próxima das pessoas; a Igreja como instituição é pesada; uma Igreja que por vezes não acompanha, pouco próxima das pessoas; rígida em que falta afeto e mais coração.

Olhando para a situação de passividade e desinteresse pela Igreja de tão grande parte de batizados, não sabemos discernir quais as áreas da missão da Igreja que estamos a descuidar, porque tudo nos parece que precisa de ser ativado. Sacramentalização, sim; mas dar os sacramentos sem catequizar primeiro, sem preparar bem as pessoas para viverem os sacramentos, parece que não resulta. Depois o acompanhamento das famílias e dos jovens.... Parece que a formação e evangelização dos crentes deveria ser prioritário na missão da Igreja.

Acolhimento do próximo; ser bom samaritano; a escuta dos que se afastaram (escutar as suas razões e respeitar as suas opiniões); a Igreja tem uma face pouco atrativa; tem que criar novas formas de evangelização; tem que estar mais atenta às novas formas de comunicação; mais atenta à atualidade; tem que ter mais atenção aos jovens que terminam a catequese com o Sacramento do Crisma e se afastam (por vezes têm dúvidas de fé e ficam desamparados); Jovens e famílias jovens pouco integradas.

Parece-nos que ainda há um longo caminho a fazer para tornar esta partilha e delegação de tarefas verdadeiramente efetivo. Não há quem ponha em prática, não há acessibilidade de informação nem comprometimento da maioria – algo que nos remete para a pertinência da passagem dos Actos dos Apóstolos (6, 1-7) sob análise, isto é, a delegação de tarefas e a sua aceitação como uma bênção, tendo em vista a divulgação da Palavra de Deus e o exemplo de Cristo. Observa-se ainda um individualismo que reage mal ao trabalho em equipa; por outro lado existem grupos isolados (ex. movimentos) em que não há partilha e diálogo entre eles. Não há corresponsabilidade nem união entre movimentos. No entanto, dentro das Pastorais e movimentos, observa-se trabalho de equipa. A interação “entre” pode ser melhorada com uma comunicação mais próxima, interativa e apelativa.

A promoção dos ministérios laicais, ainda é feita de uma maneira ténue, por falta de formação ou não aceitação dos mesmos, pelo receio de serem mal-aceites nas comunidades, etc. O sentido da responsabilidade dos leigos manifesta-se pelo empenho e dedicação que os mesmos manifestam na sua participação na Igreja.

Temos leigos com muitas atividades, agenda sobrecarregada; nota-se que os horários de trabalho são incompatíveis com a participação na vida da Igreja. No entanto quando os leigos sentem que são precisos, apresentam-se. Exemplo: com a pandemia estiveram presentes na organização do espaço do templo, desinfeção, etc.

FIM